

MANUEL DE BOAVENTURA

92

TRÊS TROVADORES
MEDIÉVAIS



BRAGA — 1963

24

municipal
Boaventura

B0A-24

MANUEL DE BOAVENTURA

TRÊS TROVADORES MEDIÉVAIS



BRAGA — 1963



W. G. Goaventura

SEPARATA D' O DISTRITO DE BRAGA.

TRÊS TROVADORES MEDIÉVAIS



«De cerca de meia centena de autores, que subscreveram composições galaico-portuguesas, nada se sabe» — afirma o Prof. Costa Pimpão, na sua «História da Literatura Portuguesa». E Narciso de Azevedo, notável medievista, ao dar-nos esta informação, acrescenta que nessa conta está incluído o nome de Pai Calvo».

Nada se sabe de datas, nem dos locais onde nasceram. Contudo está averiguado que muitos desses poetas-trovadores, jograis, segréis e menestréis — por não serem nobres, nem possuírem nomes com sonoridade poética, ou apelidos agnómicos, a comprovar façanhas guerreiras, acrescentavam, ao nome de baptismo, o topónimo do terrunho nativo, ou o designativo das suas herdades, como honrosa distinção entre os seus pares.

Assim aquele talentoso João Garcia, que, de sua casa, . . . «via Barcelos e Faria/e as casas u ja vi alguen . . .», após ao seu nome, o topónimo «Guilhade» — lugar onde nasceu, na aldeia de Milhases, a poente da Franqueira. Dois Afonsos

fizeram outro tanto: um é de Baião, outro de Besteiros; quatro de nome Martim; do Casal, de Caldas; de Ginzo, e de Pedroselo; um João de Aboim, outro de Gaia, e um terceiro de Requeixo; Estevam da Guarda e de Travanca; Fernan do Lago, a par de um de Calheiros; um Dasco de Calvelo, outro de Sandim... Uma pequena amostra da meia centena...

Na galharda lista de poetas medievais aparecem, entre outros do mesmo nome, um Paio de Cana, e um Paio Calvo: Paio de Cana seria galego, das proximidades de Compostela, onde ainda prevalece o topónimo Pai da Cana.

E Pai Calvo? Haverá em terra portuguesa topónimo de que o trovador se tenha aproveitado?

PAIO CALVO

«*Calvo*», tanto pode ser indicativo de calvície, como designar local despido de vegetação. Outro tanto sucede com o diminutivo *Calvelo*, que, tanto em português como em galego, significa clareira, em meio do bosquedo, sítio desafogalhado, ou, ainda, local apropriado para culturas. E o Vasco Rodrigues acresceu ao nome o topónimo «*Calvelo*» — local onde teria nascido, ou vivido — talvez na área de Ponte de Lima — terra de poetas...

Ora Vila Chã — vetusta aldeia, na rechã montesina do alfoz esposense, que se crê oriunda dos aborígenes castrejos, que fundaram, há milênios, a cidade de S. Lourenço, na periferia da freguesia, que já no Século XI era paróquia, com limites definidos — tem no seu toponímario o sítio de *PAICALVO*, ou *Pai Calvo*, e *Quintela de Paicalvo*. É neste lugar de Paicalvo que assenta a actual igreja paroquial, para ali mudada, do excêntrico Covelo, entre 1640 e 1677.

Pai Calvo é o sítio mais campeiro e central da vasta planura vilachanesa, e por isso escolhido para localizar a igreja, junto do derruido pardieiro, que teria sido habitação da família de um Paio Calvo, sobre as quais ergueram o presbitério actual. Desse remoto habitante de Vila Chã, resta, como recordo, o topónimo, e a tradição de que ali «viveu gente, no tempo dos afonsinhos», — afirmação do abade Ferros Ponce, falecido vai por setenta anos.

Paredes meias com a residência paroquial, a poente, havia outra ruína de barrigudas paredes, madre de heras e silvas, restaurada, aí por 1878, para lá instalar a «aula-régia», criada pelo conterrâneo Sampaio, então Ministro do Reino; e a cinquenta passos, o moinho de Paicalvo — transformado em azenha-copeira, desde meados do século passado, sobre outras venerandas ruínas.

As pingues terras da Quintela de Paicalvo eram parte integrante do grande passal, posto em leilão, por 1834 — hoje em posse da família Vasconcelos Porto.

*

Este Paio Calvo, tão memorado nos topónimos vilachanenses, deveria ter sido notabilidade de destaque, nos velhos tempos de antanho. Quem era?

O lugar de *Paicalvo* (aparece num só vocábulo num foral de partilhas), no centro do plano vilachanês, está a curta distância de Barbeitos, que foi, outrora, residência senhorial de fidalgo abade; para os confins da aldeia, a Sudoeste, assentava o solar da Tapada, cu da Mata, cujos

alicerces rasantes ainda hoje comprovam a vastidão do casaredo, possivelmente residência dos Portocarreiros, mencionados nas «*Inquirições*»; e para Noroeste, a treitar com os terrenos do minifúndio de Paicalvo, erguia-se o «Paço de domna Aldora», ou Paço de Rosendes, de que mal se lobrigam resquícios, mas muito recordado nos topónimos: — Paço — Pacinho — Sôbolos-Paços — Entre-Paços, etc. — Estas vetustas casas senhoriais, existiam já, certos estamos, nos primórdios da nacionalidade.

Nas «*Inquirições*» de 1258, há referências a Pedro João de Porto Carrário, a «domna Aldora», Menendo Picão e outros. Petro Caparo e Gonçalo Picão, nas de 1220.

De Paio Calvo, que foi possuidor das terras que lhe herdaram o nome, não resta outra tradição além da toponímica, e da que lhe localiza a moradia. O topónimo é testemunha categorizada: e a tradição tem raízes no passado, e vive paredes meias com a História. Paio Calvo existiu: teria sido este o trovador medieval dos tempos de Afonso III?

Era trovadoresca, por excelência, todo o rico-homem que prezava os seus brios de ostentador de grandezas, organizava festivais, justas e torneios, avaliadores da valentia e ardor guerreiro dos cavaleiros, que enfileiravam na ala dos namorados. E nestas grandes, ou pequenas, reuniões, não faltariam trovadores, jograis e músicos a animar os salões, entreter as recatadas donas, completando com as vivacidades do espírito, a briga barulhenta dos terreiros.

As três casas senhoriais do redondel não deveriam fazer excepção à regra: e é natural que o Paio Calvo, com a brotoeja da poesia a fervilhar na alma, as frequentasse, e assim começasse a manifestar o seu estro, no campo trovadoresco.

*

Sempre Vila Chã gozou fama de ser alfobre de poetas repentistas, cantadores de rópia nos desafios dos serões, nas festas campestres e romarias. Há memória de alguns dos mais famosos: Baltasar Barbosa, cantador da velha Ronda, foi morto num recontro com os soldados da invasão napoleónica; um neto deste, António Baltasar, que aos oitenta anos ainda cantava, teve fama em todo o Minho; e um trineto, engraçado improvisador, brilha na Ronda actual.

De muitos outros há perdurável recordação: os dois irmãos conhecidos pelas alcunhas de Soldado e Seculório, o Capador, o Zica, o Vinagre, o Martinho... E as cantadeiras: Caroeira, a guapa Maria Vidinha, a formosa Teresa Moleira...

Nascido numa terra de poetas, o vilachanês Pai Calvo, não podia deixar de ser poeta.

Como a grande maioria dos trovadores e jograis, Pai Calvo correu mundo — de casa senhorial a casa senhorial, da Corte portuguesa às dos Reinos vizinhos. Era da profissão!...

As suas ausências e viagens transparecem nos cantares que põe na boca da musa inspiradora:

*«Foi-s'ò namorado,
madr' e non o vejo:
viv'eu coitada
e moiro con desejo:*

*torto mi ten ora
o meu namorado,
que tant'alhur mora
e sen meu mandado.*

*Foi-s'el con perfia,
por mi fazer guerra;
nembrar-se devia
de que muito m'erra:*

*torto mi ten ora
o meu namorado,
que tant'alhur mora
e sen meu mandado.*

*De pran con mentira
mi andava sen falha,
ca se foi con ira,
mais, se Deus mi valha,*

torto mi ten ora...

*Non quis meter guarda
de min que seria
e quant'alá tarda
é por seu mal dia:*

*torto mi ten ora...
o meu namorado
que tant'alhur mora
e sen meu mandado».*

A «fremosa», em abandono, manifesta o seu desgosto, lamuria os seus queixumes à mãe, pela ausência do namorado, que foi correr mundo, em cata de aventuras sem seu consentimento. Retirou, de junto de si, amuado, ou por teimosia, para a arreliar. Estava a faltar aos seus deveres de bom namorado: não obstante, ela morria de saudades...

«*Non quis meter guarda*», como quem diz — não atendeu os seus rogos, foi-se à aventura, em busca de glórias... «*Quant' alá tarda!*» — tanta demora, alhures, por distantes terras!

A cantiga que figura em «*Cantigas d'Amigo*», com o número 450 (848 no C. V. e 1237, no C. Brancuti), tem, como a já descrita, a singeleza do sabor popular, embora não seja encadeada a primeira.

Nunes deduz que o poeta também seria jogral, pelas ausências denunciadas, saudosamente, pela namorada: — «*Deseja-lo-ei*» — morro de saudades:

*«Foi-se o meu perjurado
o non m'envia mandado;
deseja-lo-ei.*

*Ai madr', o que ben queria
foi-s'ora daqui sa via;
deseja-lo-ei*

*E non m'enviou mandado;
de Deus lhi seja buscado;
deseja-lo-ei.*

*Pois mandado non m'envia,
busque-lho Santa Maria;
deseja-lo-ei.*

Fugiu o «*perjurado*» — o que lhe jurara falso amor — foi-se e não mais deu notícias, das lonjanas terras por onde andava. «*Ai, mãe! o que me queria bem*», alongou-se, a tratar dos seus interesses; esqueceu-se da que muito o amava, a alma a consumir-se nas labaredas da saudade! Não mais deu notícias... Que Deus e Santa Maria lhe dêem o correctivo que tão grande falta merece.

«*Deseja-lo-ei!*» Enquanto o descuidado poeta alegrava os serões de ricas-donas e esbeltas donzelas — no terrunho nativo, entristecida, cheia de amargura, a cândida alma da que morria de amor, consumia-se no «*doce-amargo*» da saudade.

*

Do Paio Calvo que trovou em tempos de D. Afonso III, nada se sabe, nada se conhece, além das duas composições poéticas, que ficam transcritas. Não se vislumbram rastros do tempo, nem do local onde nasceu. Para alguns é galego, para outros tem características de minhoto. Eram minhotos os Calvos: num testamento datado de 1215, é contemplada certa «...*Miriam, filiam de Petro Calvo...*» (*Doc. ined. dos séculos XII a XV*, por Oliveira Guimarães, pág. 3). Parentes do poeta-trovador?

Tudo hipóteses e suposições. Contudo parece não restar dúvidas da sua nacionalidade portuguesa.

Repugna que esse Pai Calvo nascido na rechã vilachanesa — alfo-bre de poetas repentistas — fosse o Pai Calvo, trovador medieval?

II

O TROVADOR JOÃO VELHO DE PEDREGAIS

Forjães, com S. Paio de Antas, limita, a Norte, o concelho de Espo-
sende com o território de Viana. É a vertente meridional, suavemente a
descer para o Neiva; do lado de lá, é «Além-do-Rio», o encravo de Infias,
terra sua a contactar com a cerâmica Alvarães, —terra dada a labores
fabris.

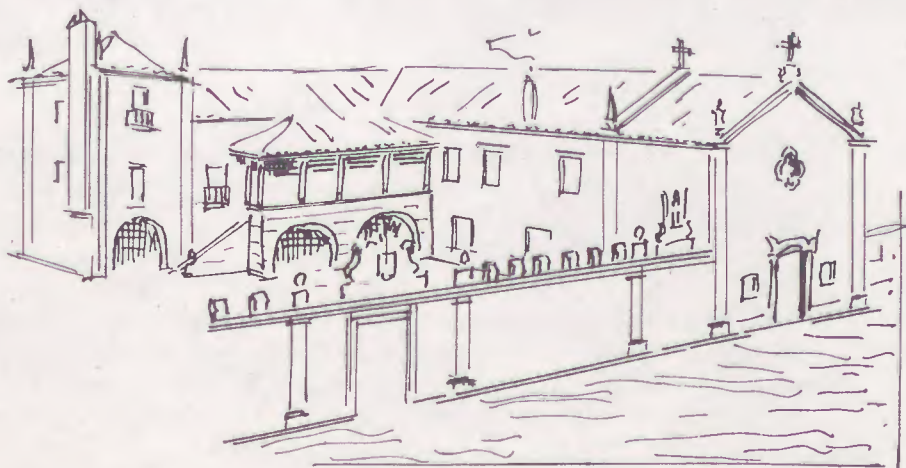
Corta a freguesia de alto a baixo a ampla «estrada-real», de Barce-
los a Viana — real, chamada, por ter sido inaugurada, já lá vão cem anos,
pela Rainha D. Maria II. Um pouco a Poente, no coração da freguesia,
na ancha campina, tem assento o velho solar do *Prêgais* (Pedregais na
era dos Trovadores!), então moradia dos *Velhos* — família ilustre.

Prêgais, no tempo em que se chamava Pedregais, tem história,
que merece referência, por ter raízes no início da nacionalidade: D. Gu-
terre, que de França acompanhou o Conde D. Henrique, e foi seu com-
panheiro de armas, fundou ali uma torre defensiva, em alardeio de pequeno
castelo que, em meio do denso bosque, seria aguerrida sentinela, a impor
respeito pela soberania do Condado.

A comprovar a existência da desaparecida Torre, resta uma pedra
embutida no ameiado muro, que circunda o terreiro, onde se vê um busto
de homem e se lê esta inscrição: — «PEDRA DA ANTIGA E PRIVILEGIADA TORRE
DE D. GUTERRE NO ANO DE 1100 E CAÍDA JÁ NO ANO DE 1600».

De D. Guterre, ou de seu filho D. Paio Guterre, a posse do solar
passou para o fidalgo Gomes Mendes de Neiva; e deste para os Velhos.
Documentemos:

*•Item freguesia de Sâtu marinha de froiães A quintã de sauariz
de Joham Velho... Item A quintã de Pedregães he prouado douuida*



que a ffez gomez meendez em saido dos herdamentos da vila em tempo delrey dõ afonso uuoo deste Rey . .

«Item freguesia de sam paayo dantas a quintãa dazevedo que he de Joham Velho fezea dom gomez em hũm casal que ganhou a palmy...»

Este Joham Velho é o trovador João Velho de Pedregais, que veio a ser avô de outro afamado trovador: Fernam Velho, pai do navegador e descobridor da Terra-Alta e dos Açores — Gonçalo Velho. E neto de Pedro Velho — o «Escaldado» — outro troveiro do tempo de D. Sancho.

Não está, ainda, esclarecido onde teria nascido o trovador João Velho — dizem os biógrafos —, mas é fora de dúvidas que nasceu no Minho.

Com efeito: João Velho era proprietário em Forjães do alongado minifúndio, que se distendia desde a lomba do Monte da Cerca, em Vila Chã, até à margem do Neiva, no limite Norte, por a área das duas «*quintanas*» — Sabariz e Pedregais — serem prolongamento uma da outra, e mais de metade da actual freguesia. Pelo Poente, a treitear com o seu domínio, mas já na freguesia de Antas, era senhor da «*quintãa dazevedo*» — possivelmente todo o actual lugar de Azevedo, de S. Paio de Antas.

Forjães aparece, nas Inquirições de 1258 (pág. 319), *Frojiaes*: mas depois de mencionar a testemunha *Martinus Frogiaos*, dá a informação de que «...*Gomez Menendi comparou in Forgiaes erdade de Johanne Parceiro...*» Duas maneiras de grafar o topónimo: *Frojães* e *Forjães*, a actual grafia.

O notável toponimista J. Piel informa que, em Santo Tirso e em Resende, há localidades com a mesma designação; e dá parecer sobre a etimologia: «...escreve-se *Forgiaes* e *Frogtaes* o que mostra que houve metátese na primeira sílaba e que o primeiro elemento é *Froi...* raiz muito prolifera... Vem de *Frauja*, «senhor». Forjães deve explicar-se como sendo *Froilanis*... — que condiz com as Inquirições do Julgado de Neiva: *Item freguesia de Sãata marinha de froiães...* «— local onde assenta a *quintãa de pedragaes* (pedragaães — pedro Gaez), que, com a de «*sauariz* (Sabariz)» pertenceram ao trovador «*Joham velho de pedro Gaez*».

*

Mas o património dos Velhos de Pedregais alongava-se para além e aquém Neiva, em território vianês e no termo de Barcelos: possuíam terras nos julgados de Neiva e de Aguiar — Mujães, Barroselas, Ardegão, Poiães, Figueiredo, Vilafranca;... e *Barrugaes* (Balugães), Santa Lucrécia, Alvito, Palme, Vilar do Monte, Alheira... Tamial..., em Barcelos. Não obstante, o trovador João Velho acresceu ao seu nome e apelido, o agnome — «pedro Gaez» — Pedragaaes — Pedragães — Pedragães... que de todas estas maneiras era grafado o nome da opulenta propriedade e casaredo, nos Séculos XII e XIII, e que hoje, graças à lei de menor esforço, se chama simplesmente Pregais.

Em variados documentos nos aparece o nome de João Velho acrescentado do agnome, a comprovar identidade e predilecção por Pedregais, na airosa Forjães, casa-solar dos Velhos, onde o trovador teria nascido.

Sabe-se que grande número de trovadores, jograis e segréis adoptavam, como apelido os topónimos natais. O historiador Aires de Sá, no seu «*Frei Gonçalo Velho*», I vol., pág. 10 (nota), esclarece o que aliás, desde há muito, está averiguado: «*Em regra, os apelidos ou se derivavam dos nomes próprios ou eram os nomes das terras, onde aqueles que os usavam tinham nascido ou habitavam, muitas vezes o nome dum feudo; são disto suficiente prova os quatro nobiliários*».

É ponto assente que grande número de trovadores, jograis e segréis se serviram deste expediente — hoje quase único indício de identificação.

De «*Joham Velho de Pedragaaes*» se faz menção na «*Carta dos esposos do Rey dom Denis e da Raynha doña Isabel*», onde figura como embaixador e procurador do rei português, para, conjuntamente com «*Vasquo Pires e João Martins*, hirem requerer ha dita Ifanta Dona Isabel... filha do Rey Daraguam».

Neste documento, redigido em latim, o nome do trovador é assim «*Johannes uetulus*» e «*Johanē uetulū*».

Na «*Carta de legitimação de Joham ffernãdiz*, D. Dinis faz «*saber Que Johã uelho de Pedregaaes rrecebeu per dante mj por neto lijdimo Johã fernãdiz*. E em nota, pág. 47 de «*Frei Gonçalo Velho*»: — «*João Velho de Pedregães é um dos trovadores dos séculos XIII e XIV. Encontram-se duas composições suas no cancionero do Vaticano*».

Outro curioso documento da Chancelaria de D. Dinis é a carta de «*Ligitimação de Johã uelho de pedregaaes*», que nos dá a conhecer mais um poeta — «*Gonçalo martinz dicto trobador de Sanctarem*», que foi pai de Maria perez, mulher (ou amante) de pedro Gaez — outro cultor da poesia. Nem em Nunes («*Cantigas de Amigo*»), nem na *Hist. da Literatura* (Ed. Aillaud) se encontram referências a este trovador santareno. Ribeiro da Cunha, em «*A Língua e a Literatura*», igualmente se não refere aos «*Velhos*».

As duas composições atribuídas a «*Joan velho de pedro Gaez*», segundo a edição de E. Monaci (1875), têm os números 1.141 e 1.142. À margem da primeira anotaram: «*esta cãtiga de cima foi feita a hun caualeyro q fora uilano et furtaua aas ueges por u andaua*»:

*Laurenso boucon o uasso uilão
q sempre uosco soedes trager .
é grã ladron e oi oi diser
q sse o colhe o meirinko na mão
de todo em todo enforcaruolo a
ca o merrinho en pouco terrã
uos mandar enforcar o uilão*

*Por que tragedes hũ vilão maa
ladrõ cõusco o merrinho uos he
sanhud e braue cuid eu a la fẽ
q̃ uolo mando poer bẽ hũ paao
e pois q̃ del muitas querelas dã
se lhi com el nõ fugides teram
todos q̃ sodes hom auizimaa*

Vê se que o trovador da Ribeira-Neiva era austero e não acobertalhava ladrões ainda que fossem de gente boana, ou acompanhantes de cavaleiros, confrades e amigos... Aconselha o seu amigo Lourenço que evite a má companhia do vilão, por ser, segundo ouviu dizer, «grã ladron»; e, se o meirinho das justiças o caça à mão, à certa que o enforcará... E quem traz ladrão de companha — cautela amigo! -- o «merrinho vos é sanhudo...» e capaz de supôr que tão bom é um, como o outro ..

A composição 1142 é encimada
«di pedro Gaez»
e contém trinta e um versos:

*Con grã coita regrã quem auidasse
a hũa dona fui eu noutro dia
sobre feito d ãa capelania
edissom ela q̃ nõ coitasse
ca sobre min filhei o capelan
e poilo sobre min filhei de prã
mal faria si o nõ auidasse*

*E dixi lh eu emu grã fiuça tenho
pois q̃ en uos filhastes o sseu feito
de dardes cima a todo seu preito
e disse ela eu de tal logar uenho
q̃ poilo capelan per lãa fẽ
sobre mi filh e seu feit em mi he
auidalej poilo sobre mi tenho*

*E dixi lh eu q̃ uos do uoso filho
prazer uaades q̃ nos me auidedes
o capelã q̃ uos a mester auedes
e dix ela per uos me marauilho
q̃ auedes ca poilo eu filhei
ia sobre mi uerdade uos direi
auida ei poilo sobre mi filho*

*e dixi lh eu nõ queyrades sseu dano
do capelã nõ perça rre per megua
ẽ ssa auida e poede lingua
diss ela fareyo sã engano
ca ia ẽ mi meteu do sseu i bẽ
e pois q̃ todo assy ẽ mi tem
sse o nõ ajudar farey meu dano*

*Ca nõ quero end eu outro escarmẽtar
q̃ me de do seu polo auidar
quãnd ei megua de causa q̃ n(h)o tenhor.*

Estão os documentos na mesa, para serem vistos e estudados; afigura-se-me ser fora de dúvida ter nascido em Pedregais (Forjães) o poeta João Velho. Pelo menos aqui viveu e preparou as suas composições trovadorescas, sob a inspiração das Nebelígeas do bucólico Neiva, que marginava as suas terras. Em toda a minuciosa obra do historiador Aires de Sá — biógrafo dos «Velhos» — não se encontra uma só linha que esclareça o local onde teria nascido o troveiro; como não pôde esclarecer onde teria nascido o neto, o ilustre Gonçalo Velho, descobridor da Terra-Alta e dos Açores.

O vetusto paço de Pedregais, com a sua capelinha, seus alpendres e abegoarias, estábulos e coudelaria no desafogado e planturoso plaino forgiano, por onde se distendiam as «quintanas» de Sabariz e Pedregais, devia de ser a maior grandeza territorial da Ribeira Neiva — verdadeiro latifúndio, na região onde escasseiam os latifúndios.

É de crer que em tal ambiente não faltassem confortos e comodidades, para boa disposição de poderosos senhores; e, ainda mais, para poetas embriagados com as belezas da paisagem, as variabilidades dos verdes, o azul do céu, as balcorradas das nuvens, o serrilhado dos montes, o murmúrio das águas... que, com a ambrosia, alimentam o estro dos poetas!...

Por seu bucolismo, o local prestava-se, à maravilha, para dar ousio aos amorosos cultores da trova — inda mesmo que as fadas Nebelígeas lhes fossem madrastras. Talvez já ali tivesse nascido o avô «Escaldado», e a ver correr as águas do Neiva tivesse escrito:

*«Por deos dona maria nha senhor(a)
ben talhada
do ben q̃ uos quero non entendedes
nada
.....
eu se ousar direy quando a uir
senhor fremosa nõ poss eu guarir»...*

Ou o neto a meter a ridículo a dodivanas Balteira:

*«E ffernam uelho fez esta cantiga
de escarnho de mal dizer»*

E a pobre Maria Perez é arrastada por veredas de amargura e seus pecados de amor postos ao léu.

Certas composições medievais são de difícil interpretação, por efeito da deficiente ortografia dos copistas — indisciplinada, vária e bastante abreviada, que por vezes, torna duvidoso o sentido dos textos. Na

mesma linha, ou lauda, determinado vocábulo aparece grafado ou siglado de diferentes maneiras.

Na composição encimada «*Con grã coita regrã ..*», por exemplo, aparece o verbo «*ajudar*», quase irreconhecível, para o comum dos leitores: — *aidasse* (ajudasse), *aidalej* (ajuda-lo-ei), *aidedes* (ajudedes), *aiuda* (ajuda). Contudo, no verso 28.^o, aparece — «*ajuda*», tal qual hoje se escreve.

Caprichos dos copistas ou do autor?

Por sua vez a interpretação do sentido do texto, se torna confusa: — «*Con grã coita*» rogara a certa dona que o ajudasse a resolver o problema de uma capelania (na casa de Pedregais ainda hoje existe a capela da invocação da Senhora da Abadia e S. João), e lhe dispensasse determinado capelão, para o serviço do culto e, por ventura, para administrador da sua fazenda... As «*filhagens*», «*fiuças*», «*ajudas*», «*preitos*» e «*feitos*», ao longo dos trinta e um versos, convencem-nos que o poeta e a dama chegaram a acordo, pois que:

*nõ quero end eu outro escarmêntar
q̃ me dê de seu polo aidar
quand ei mēgua de cose q̃ n(h)o tenho»*

*

Como acima se disse, por exigência de menor esforço, o *Pedregais*, *Pedragais*, ou «*pedro Gaez*», do tempo dos trovadores, chama-se agora *Pregais* — lugar, quinta e Casa de *Pregais*. Depois dos Velhos ilustres, a propriedade passou para diversos possuidores: — Barbosas, cujo brasão se ostenta sobre o armoriado portão; Carneiros, de Vila de Conde; Rodrigues de Faria, que foi grande benemérito e opulento capitalista; e, actualmente, é seu proprietário o senhor Manuel Teixeira, da Casa de Calvelo, Ponte de Lima. Homem de bom-gosto, minhoto de sã portugalidade, este senhor encarregou o talentoso Artista José Vilaça de restaurar o «*paço dos Velhos de Pedregais*», tanto quanto possível, na traça arquitectural dos séculos pretéritos. Tem alma de artista o senhor Teixeira: o seu gesto de portugalismo, na hora-má em que a cabotinagem se estrangeira, é credora do nosso respeito.

III

FERNAM DO LAGO

«Nada nos subministra — diz J. Joaquim Nunes — na única trova que dele nos resta, por onde possamos ter algum conhecimento da sua pessoa; parece, contudo, pelo apelido, que teria sido jogral e oriundo do distrito de Pontevedra». («*Cantigas d'Amigo*», 322 — I vol).

Galego portanto... O erudito medievista cita o n.º da cantiga, que resta de Fernam do Lago, que é a 498, das «*Cantigas d'Amigo*». É deste teor:

*«D'ir a Santa Maria do Lagu'ei gram sabor
e pero non irei alá, se ant'i non for,
irmã, o meu amigo.»*

*D'ir a Santa Maria do Lagu'e-mi gran bèn,
e pero non irei alá se ant'i non ven,
irmã, o meu amigo.»*

*Gram sabor averia (e) no meu coraçõn
d'ir a Santa Maria, se i achass'enton,
irmã, o meu amigo.»*

*Já jurei noutro dia, quando m'ende parti,
que non foss'a l'ermida, se ante non foss'i,
irmã, o meu amigo.»*

(Tem, no «*Canc. da Vaticana*», o n.º 823; e no «*Colloci-Brancuti*», 1288). Fala por si, ou é pela boca da sua namorada que impõe condições? É indiferente. «*D'ir a Santa Maria de Lagu'ei gran sabor...*» O trovador (ou a jovem bem amada) manifesta o seu desejo, de ir à ermida de Santa Maria do Lago, mas só irá, se tiver, como certo, o encontro com a pessoa querida. Se assim não for, diz à irmã (ou irmão) que não terá prazer de ir à romaria. Seria um bem, grande sabor sentiria seu coração com essa romagem... Mas toda a saborosidade seria prejudicada pela ausência da pessoa, a quem votava o seu afecto. Para mais jurara, quando em outro dia, ali se encontraram, os dois, que não voltaria, . . . a l'ermida

«. . . se ante non foss'i . . . o meu amigo.»

São, na verdade, muito femininas, tão ternas manifestações de amor.

Onde seria esta ermida de Santa Maria do Lago, que possivelmente teria honrado o trovador, autorgando-lhe um apelido? Na Galiza? Não é só a região de Pontevedra que tem lagos e lagoas: há, também, em Portugal formosos e alongados lençóis de águas — a Ria, Esmoriz, Pateira, a foz do Arelho... E não falham os topónimos: Lago, em Ama-

res; Lagos, no Algarve. Há ainda outro lago, que o generoso Cávado, das águas sobejantes, forma, nas proximidades do fim, em Gemeses, ao ajoelhar na arredondada curva do poceirão, que desde recuadas eras se chama — o Lago e Barca do Lago, a memorar a grande barca, que, noutros tempos, transportava, de margem para margem, passageiros, animais e carros.

Pois é neste local, de encantamento e formosura, rente à água corrente, que assenta a vetusta ermida de Santa Maria do Lago.

O erudito medievista, que foi José Joaquim Nunes — algarvio de Portimão — deveria ignorar a existência do topónimo minhoto, quando escreveu: «Nada nos subministra, na única trova... que dê conhecimento da sua pessoa». Se conhecesse o topónimo adstrito ao maravilhoso local, sobre a arriba do Cávado — agora conhecido por Barca do Lago —, houvesse compulsado as «*Inquirições*», da primeira alçada, coevas do trovadorismo, não daria a Galiza como pátria do poeta.

Em livro recentemente publicado (1960), descreve-se a panorâmica de sonho, desse pedaço de terra minhota, cuja beleza embasbaca, de admiração, naturais e estranhos:

«...O Cávado vem por aí abaixo — no verão ralasso das calmarias espreguicentas, que amolentam; no inverno, algo apressado, no desejo de despejar as demasias das enxurradas, que lhe turvam a limpidez da epiderme... Corre aqui, manqueja por ali, joga as escondidas com outeiros e montes, lava puidos penedais, dessedenta raizames — até que se mostra, senhoril e ufano, às verdejantes campinas fonteboanas, de Rio-tinto e de Gemeses, e às planturosas gandaresas da foz.

«Adiante, o rio feiticeiro, e de inebriantes sortilégios, cansadinho das vinte e sete léguas da jornada, ajoelha, curva-se em bus reverencioso, a agradecer ao Criador, e a Santa Maria do Lago, a proximidade do fim, — na beleza edénica do ambiente, que o rodeia: é o espraiado da Senhora do Lago, de areias fulvas, onde o sol de Julho faz cintilar paletas de mica e, quiçá! — áureas pepitas de ofir!

«Diante do espectador está o deslumbramento da paisagem! Olhem! Digam o que lhes vai na alma, após esse banho de emocionante beleza.

«O poceirão sem fundo», onde a prata-viva das taíñas esvoaça, ao lume d'água — gineceu de Celánides voluptuosas, e espelho fatigado de tanto fixar o Azul — banha os alicerces de Velha Ermida, e os muros de airosa casa brasonada, que se mira ufana e envaidecida de remota nobreza, nas águas verdelinhas e límpidas do Cávado — tão cariciosas como beijo de amor em rosto de noiva!

«É aqui a Barca do Lago — musganho de escassa dúzia de casas, na lomba suave — lindo presépio de Natal, que meninos de bom gosto pudessem arquitectar, nas vésperas da Consoada. Chegadinhas à borda-d'água as casas fidalgas, dos senhores de outras eras; mais chegada, ainda, a mesquinha casinhota do barqueiro... e a vetusta capelinha da Senhora do Lago...» («*Zé do Telhado no Minho*», 188-189).

*

Nascer num ambiente assim, que admira ser poeta !

Como o sorridente Lima, também o sereno Cávado, ufano de suas beldades, é inspirador de poetas: os Guilhades, os Fogaças, os Malheiros, Vinhas, Pinheiros e Vieiras — cinzeladores de poemas, todos foram bafejados pelas auras suaves e coroados de viridentes louros, pelas cariciosas Celánides, — em alvissareiras promessas de triunfos. O poeta «Zé da Barca» — pseudónimo do Dr. José Maria de Olveira, que foi lente de Medicina e escritor de boa personalidade — nasceu à beirinha do rio, na casa pegada à ermida da Senhora do Lago; e a bela e tão infelizmente poetisa, Maria Vieira — Florbela minhota — na ânsia de mais de perto conhecer e dialogar com as especiosas Celánides, quis que as águas azulinhas do Cávado lhe servissem de mortalha... Pobrezinha! Dezassete formosas primaveras devorou-as o açude fervilhante de espumas — as rendas do seu sudário! — Mas afloram as luminosidades do seu génio poético, em «*Violetas Dispersas*», que, doloroso, o Pai deu à estampa.

O jovem fagueiro, Vinha dos Santos, prematuramente desaparecido, legou-nos «*Cantares*» e «*Riso Morto*» — seu canto de Cisne.

*

Tantos poetas, tantos!... Que admira, pois, que outro poeta, vizinho e contemporâneo de João Garcia de Guilhade, os antecedesse — longe no tempo — ao balbuciar das primeiras «cantigas de amigo», no minguante do linguajar bárbaro, mas na promissora alvorada do cantante falar luso?

É pouco, para o conhecimento do poeta-trovador, tudo quanto fica, excepção da referência toponómica a Santa Maria do Lago.

Quem era Fernam do Lago — o desconhecido de «*Cantigas d'Amigo*»? Uma lâmpada nos alumia. Com luz suficiente? Talvez a precisa para ir ao encontro da verdade.

Por mera coincidência, enquanto os troveiros de Afonso Bolonhês engendravam endexas e cantares de amigo, às suas beldades e às damas pagãs, — os da Alçada Inquiridora, de 1258, descobriam sobre a orla do Cávado, em Perelhal, (Barcelos), mais certamente em Gemeses e Gandra (Esposende), um certo senhor de terras, cavaleiro ou rico-homem, chamado Fernam do Lago, que, parece trazer no apelido certo perfume de poesia, com ressaibos carlovingios de émulo Lancelote, — a quem não faltaria a fada Viviana, na pessoa de celanídea, moça ribeirinha...

Documentemos: Nas Inquirições de 1258, na averiguação dos direitos realengos, aparece (pág. 309) Fernando de Lago: «*Sancti Plagii de Perylar (Perelhal)... Os omees de Perilar fora abrir una bouza por sua contra Jumezes e semearom y favas, et veo Ruy Fernandiz de Jumezes cum seus omees de noite et taliou ende as favas: et ora tem Fernando do Lago essa bouza, enon na am os de Perelial.*

Adiante, pág. 311: «*Item, in parroquia de Sancti Michaelis de Julmezes...*

...*Item dixerunt que Fernandus de Lago ten una erdade de Sancta Ovaya na vinea que soya a dar na renda et ora non na dá... Item tem esse Fernam de Lago una herdade que foy de Menendo Facame, et dava na renda, e ora non na dá. Item essa erdade que y ha Bagno et Sancta Ovaya teen a cavaleiros de Jumezes, et soya a dar na renda e ora non na dá*».

Na mesma pág.: «*Sancti Martini de Gandra... Item Fernandus Alfonsi miles comparou erdade que foy de Menendo do Lago. — «possivelmente irmão de Fernam — aquele a quem o poeta se refere na canção.*

*

É evidente que Fernando, Fernandus e Fernam de Lago é uma só pessoa; e parece não restar dúvidas que teria sido cavaleiro (miles) e abastado senhor de terras, em Gemeses — freguesia que tem dentro do aro a ermida de Santa Maria, meia légua para poente, e a treitear pelo norte com a Mata-brava (Palmeira), que, nessa época, deveria de ser impenetrável bosque.

Ir à romaria do Lago, então (como ainda hoje), daria extremado prazer aos namorados, desde que, como diz o poeta (por ele, ou pela boca da mulher amada) os dois ali se pudessem defrontar. Para mais. .

«*Já jurei noutro dia, quando m'endo parti,
que non foss'a l'ermida, se ante non foss'i
irmãa, o meu amigo*».

*

Se este Fernam de Lago, de Gemeses, mencionado nas «Inquirições», é o Fernam do Lago trovador, autor da bonita composição poética, acima transcrita, são uma e a mesma pessoa, não se poderá garantir, em absoluto. Tudo nos persuade que é uma só pessoa, o cavaleiro gemesiano e o poeta tropeiro. Trovadorismo e «*Inquirições*» são coetâneos, e isto é já razão de peso. Mas outra se apresenta. Se aquela linda Santa Maria do Lago é única em terras minhotas e galegas, e o poeta tantas vezes a menciona e manifesta «gran sabor e gran bem», em ir à sua romaria, é porque conhecia, *de perto*, o local, sabia de milagres verificados, e — por que não? — esperava mais um, da milagrosa Senhora: — que reunisse os dois jovens namorados, na sua galilé, e os abençoasse com o seu divino sorriso!

*

Não me consta que os medievistas galegos tenham apresentado razões, a comprovar a galeguidade de Fernam do Lago. Há, na Galiza, muitas e formosas rias — braços de mar que se alongam pela terra dentro,

em visita amiga a campinas e a montes; mas as rias não são lagos; e na verdelinha terra de além-Minho, a não ser a paludosa laguna de Antela, nas proximidades de Ginzo, nada conheço que se possa chamar lago.

É verdade incontestada que grande número de trovadores medievos — aqui e na Provença — quando os seus nomes plebeus eram privados de eufonia, adoptavam, como apelidos, os topónimos bem sonantes, das localidades onde nasceram, ou das quintanas de seus pais, parentes e amigos: — Afonso de Besteiros, Fernam de Calheiros, João de Guilhades, João de Briteiros, Martim de Pedroselo, Vasco de Calvelo..., e outros, o comprovam.

E porque o formoso lago que a anchura do Cávado forma, no sítio da Barca, deu nome ao lugar, e complemento a ermida de Santa Maria — tudo leva a crer que este Fernam das «*Inquirições*» seja o poeta-trovador — Fernam do Lago.

É? Não é? *Dicant paduani...*

Handwritten text, possibly a title or page number, in a cursive script.

BO
Bibliotec
Manuel de